

António Cândido Franco (1956)

Vi nele a ciência dos sinais, diz Ibn Arabi numa epístola famosa. Assim pode ele dizer sobre o que primeiro leu de Teixeira de Pascoaes, o que aconteceu em 1977. Abriu a escrever sobre o autor de *Duplo Passeio* em 1983 e dedicou-se depois disso ao estudo das luzes que brilham neste poeta e fazem a vez dum céu cravejado de cristais. Pelo caminho encontrou Mário Cesariny, no qual reconheceu o patrono desta experiência de leitura. Deu a lume um texto corrido, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes* (2000), deu uma mão para reeditar a magna antologia de Cesariny, *Poesia de Teixeira de Pascoaes* (2002), criptografou a sua observação num romance, *Viagem a Pascoaes* (2006), que Antonio Saez Delgado fez o favor de pôr em castelhano, e tem no prelo uma colectânea, *Trinta Anos de Dispersos sobre Teixeira de Pascoaes* (INCM). Espera agora passar do Ar ao Fogo.

DOCUMENTA
FUNDAÇÃO CUPERTINO DE MIRANDA

edição de António Cândido Franco



Mário Cesariny
CARTAS PARA A CASA DE PASCOAES

Mário Cesariny
CARTAS PARA A
CASA DE PASCOAES

As relações de Mário Cesariny com a obra de Teixeira de Pascoaes, que abriram em força na década de 60 do século XX e se alargaram depois até ao seu desaparecimento físico já em 2006, marcaram a terceira fase do desenvolvimento do surrealismo em Portugal, a da maturidade, ajudando a reorientar a obra poética de Cesariny numa direcção inesperada, a da sátira anti-pessoana, com as duas edições do *Virgem Negra*, ou nem tanto assim, se lembrarmos que um dos textos iniciais dele foi uma *simplificação* de Álvaro de Campos. Conhecíamos os vários momentos públicos deste relacionamento — em que entra o trabalho de selecção de duas compilações, *Aforismos* e *Poesia de Teixeira de Pascoaes*, ambas de 1972, e a frase capital dita em 1973 no texto «Para uma Cronologia do Surrealismo Português», *Teixeira de Pascoaes, poeta bem mais importante, quanto a nós, do que Fernando Pessoa* — mas ignorávamos, e continuamos em parte a ignorar, o percurso por dentro dessa ligação, bem como desconhecíamos o convívio do autor de *Pena Capital* com o lugar e a casa em que Pascoaes viveu. Com a publicação do epistolário de Cesariny para os dois habitantes da casa de Pascoaes seus coetâneos, João e Maria Amélia Vasconcelos, de 1968 a 2004, ficamos enfim a conhecer elementos do relacionamento entre Mário Cesariny e a obra de Teixeira de Pascoaes e a perceber uma parcela importante da teia em que tudo aconteceu, quer dizer, do como, do quando e do através de quem se deu e processou o convívio de Cesariny com o lugar e a casa de Pascoaes.